

## A HISTÓRIA CONTADA EM VERSOS: A CIDADE DE CAMPO MAIOR NAS POESIAS DE CUNHA NETO

JOÃO PAULO FRANÇA DE OLIVEIRA<sup>1</sup>

RESUMO: O presente trabalho analisa a importância dos cordéis escritos por Cunha Neto para a construção do discurso sobre a história de Campo Maior-PI, tendo em vista a grande quantidade de acontecimentos presentes nessa cidade, abordados por esse poeta através de sua produção literária. Para isso, elegemos como recorte temporal as décadas de 1984 a 2004. Na primeira parte é realizada uma análise historiográfica da literatura de cordel, a partir de pesquisas feitas nos referenciais bibliográficos existentes sobre a temática. Já na segunda parte, o foco centraliza-se em torno da representação de Cunha Neto e os cordéis escritos por ele. Assim, foram realizadas análises tanto de documentos sobre a vida do poeta, como também dos seus trabalhos literários.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura de cordel. Cunha Neto. Campo Maior

ABSTRACT: The present work analyzes the importance of the cords written by Cunha Neto for the construction of the discourse on the history of Campo Maior-PI, considering the great number of events present in this city, approached by this poet through his literary production. For this, we elect as a temporal cut from the years 1984 to 2004. In the first part, a historiographic analysis of cordel literature is carried out, based on researches made in the bibliographical references on the subject. Already in the second part, the focus is centered around the representation of Cunha Neto and the cords written by him. Thus, analyzes were made of both documents about the life of the poet, as well as his literary works.

KEYWORDS: Literature of string. Cunha Neto. Campo Maior.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Atualmente, pensarmos em fontes de pesquisa historiográfica, não significa apenas os documentos oficiais, que por certo período ocuparam esta posição privilegiada dentro da história, mas sim, uma infinidade de fontes que inicialmente foram ignoradas, mas que hoje

---

<sup>1</sup> Licenciado em História UESPI e Especialistas em História e Cultura Afro-brasileira e Africana UESPI

vem contribuindo de forma significativa. Cabe apenas ao historiador, ao levantar seus questionamentos mediante ao seu objeto de pesquisa, “questionar a realidade, e ao questionar esse real segundo problemas que serão também do seu presente, compreender as limitações, as possibilidades e as peculiaridades dessas diferentes organizações documentais” (QUEIROZ, 1996, p. 81).

Como exemplo do surgimento dessas novas fontes podemos elencar, a literatura de cordel, que ultimamente vem atraindo a atenção de muitos pesquisadores, que se debruçam sobre essa literatura em busca de informações para suas pesquisas.

O antropólogo cultural, o sociólogo, psicólogo social, historiador, o ficcionista, enfim, cientistas sociais e escritores deparam na literatura de cordel com acervo imenso de material para pesquisas. Publicações do poeta popular revelam e condensam, na sua pureza a expressão legítima de uma realidade social (LOPES, 1994, p. 8).

Portanto, por mais que a literatura não tenha toda uma preocupação com o real, não busque narrar os fatos tal como aconteceram, mas, mesmo assim, permite ao historiador adentrar ao imaginário de uma época, “ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos” (PESAVENTO, 2008, p. 84). Com isso, podemos visualizar esse diálogo possível entre história e literatura, e é neste pressuposto que buscaremos através deste trabalho destacar a figura de Cunha Neto, e a importância dos cordéis escritos por ele para a história de Campo Maior.

#### O CORDEL NO BRASIL

São muitas as discussões acerca da origem da literatura de cordel, no entanto, para Joseph Luyten, ela surgiu “a partir do século XII, como manifestação leiga independente do sistema de comunicação eclesiástico. Ela se caracteriza, sobretudo por ser uma linguagem regional e não em latim, que naquela época era a língua oficial de toda a Europa cristã” (LUYTEN, 1986, p. 16). Portanto, podemos perceber que inicialmente na sua forma oral, o cordel, que também pode ser caracterizado de literatura popular, surgiu como um discurso alternativo, através do qual, as sociedades marginalizadas da época buscavam contar a sua história os problemas sociais, ao mesmo tempo em que reivindicam por melhoras.

Esta literatura de cordel, definição esta que surgiu nos países ibéricos, devido a forma de como os livretos eram vendidos nas feiras, dependurados numa espécie de barbante, chegou ao Brasil predominantemente na sua forma escrita, trazida justamente por estes colonizadores

por volta do século XVII, e ganhou espaço principalmente na região nordeste, devido esta região apresentar condições sociais e culturais peculiares, que de certa forma transformou o cordel como uma espécie de característica da própria fisionomia da região, com isso, figuras e acontecimentos comum do nordeste passaram a ser cantadas e contadas pelos poetas populares através do cordel, como por exemplo, podemos citar: a seca, os movimentos messiânicos, o cangaço, o padre Cícero, Luiz Gonzaga.

As transformações sociais e os processos de industrialização provocaram migrações internas no Brasil, e conseqüentemente proporcionou a dispersão de nordestino para outras partes do país, e com ele a sua cultura, construindo assim o que podemos chamar de outros nordestes, e com isso permitiu a difusão da literatura de cordel para outras regiões. E os folhetos, que no início eram produzidos em tipografias de jornal, apenas com a capa em pergaminho, impressa pelo método de xilogravuras, passaram com o tempo a ser impressos em tipografias dos próprios poetas, se tornando também assim um meio de sobrevivência destes cordelistas.

Apesar da existência de uma grande variedade quanto a sua estrutura, o cordel, no seu ponto de vista formal, “apresenta predominantemente em estrofes de seis versos ou linhas, sextilhas, a forma clássica. Em menor numero, encontramos estrofes de sete sílabas e em décimas” (LOPES, 1994, p. 23). E por se apresentar como uma produção literária de linguagem simples, de fácil compreensão e um preço de mercado barato, com isso, o cordel teve uma aceitação muito grande pela camada popular da sociedade, porém, com o passar do tempo ele, “ultrapassa fronteiras, e ocupa espaços outrora reservados aos escritores e homens de letras do país” (PINHEIRO; LÚCIO, 2001, p. 13). Portanto, a busca de novas informações, de certa forma impulsionou a apropriação dessa manifestação popular, por pessoas tidas como letradas. E com isso algo que antes era delegado aos povos simples e marginalizado, agora faz parte de uma camada social vista como erudita.

Como nos seus primórdios, a literatura de cordel aqui no Brasil também assumiu diversas missões sociais. Segundo Lopes (1994), “numa época em que as cartilhas de alfabetizações eram raras e não chegavam gratuitamente ao homem rural, o folheto de cordel cumpria espontaneamente esta alta missão social” (p. 08) Além desse papel educativo, antes da expansão dos meios tecnológicos de comunicação, o cordel se caracterizou também como o informativo do povo. Nas zonas rurais, nas pequenas vilas ou cidades, as pessoas que geralmente na sua maioria eram analfabetas, viam no poeta a figura do jornalista e nos versos escritos por eles o jornal através do qual eles tinham acesso às notícias, como muito bem afirma Luyten:

As sociedades humanas, quando são iletradas, têm como único recurso a memória para guardar aquilo que acharem importantes. Daí a tendência de ordenar toda espécie de mensagens em forma poética. O ritmo das frases. As partes finais ou iniciais semelhantes facilitam tremendamente a memorização (LUYTEN, 1986, p. 7).

Compartilhando de mesmo pensamento a respeito desse papel jornalístico da literatura de cordel, Oliveira Filho conclui que:

Os versos são uma memória, um documento, um registro escrito, recordado e reportado pelos cordelistas numa linguagem popular utilizando as narrativas para transmitir mensagens que interessariam ao povo, atualizando-as, dando sua opinião e as colocando-as em sua linguagem, para que o povo entenda (FILHO, 2004, p. 505).

Portanto, diante dessas afirmações, podemos observar que o folheto de cordel, por certo período foi um canal privilegiado para a transmissão de mensagem que possam interessar ao povo, através do que podemos chamar de leitura coletiva, prática comum dentro desta manifestação cultural popular, onde grupos de pessoas se reúnem em torno de uma pessoa letrada ou mesmo de repentista, e vendedores ambulantes que lêem ou cantam as poesias numa entonação rítmica adequada, permitindo assim o contato com as notícias.

#### CUNHA NETO E SUAS POESIAS EM CAMPO MAIOR

Resumidamente denominado de poesias narrativa, popular impressa, o cordel chegou ao Piauí através do aboio dos vaqueiros que vieram para esta região durante o processo de colonização, e mesmo não se desenvolvendo de uma maneira tão expressiva se compararmos a outros estados do nordeste, como Rio Grande do Norte, Paraíba, mas mesmo assim, muitos nomes conseguiram se destacar dentro deste campo literário, dentre eles podemos destacar: Firmino Teixeira do Amaral, Domingos da Fonseca, Zé da Prata e o próprio Cunha Neto, poeta nascido em José de Freitas, em junho de 1924, mas registrado em Campo Maior, onde viveu boa parte de sua vida, e com isso sempre foi visto como um campomaioirenses, filho de Antonio José Cunha e Mariana Leite Cunha, e durante toda a sua trajetória como poeta, foi responsável pela produção de um grande número de cordéis, abordando desde a história local à nacional.

Mas, durante sua vida, além de poeta, Cunha Neto foi de tudo um pouco, filho de família humilde, como ele mesmo declara em entrevista concedida ao professor e advogado

Gilmar Carvalho, “a minha infância foi muito carente, muito precária, porque eu... O meu pai morou sempre agregado, em terras de outras pessoas” (CUNHA NETO, *Apud* CARVALHO, 2001, p. 50). Com isso, teve que buscar diversos meios para sobreviver. Começou a escrever cordel em 1944, quando ele serviu ao exército, este seu primeiro folheto, recebeu a denominação de: *A fundação do tiro de guerra em Campo Maior*, e segundo ele, este trabalho gerou um incentivo para que continuasse a escrever cordel. Em 1957, casou-se com Ana Assunção Oliveira, e desta união nasceram três filhos, José Cunha Filho, Ana Maria Oliveira Cunha e Maria Gorete Oliveira Cunha.

Em Campo Maior, Cunha Neto assumiu diversas funções, foi desde lavrador a vereador. A sua ascensão como vereador do município na década de 70 do século XX, chegando a assumir até mesmo a presidência da câmara, foi de certa forma um caso a parte, pois, se levarmos em consideração o contexto político da época, o país passava por um período de regime militar, onde os representantes do poder legislativo eram escolhidos de forma indireta, diante disso, para uma pessoa como Cunha Neto, vindo do interior, filho de agricultores, chegar a assumir um cargo desse nível é algo novo, como ele mesmo conclui em entrevista, “para um caboclo que nasceu na roça, é alguma coisa” (CUNHA NETO, *Apud* CARVALHO, 2001, p. 51). No entanto, podemos identificar uma informação importante, a influência que um poeta popular, cidadão de origem humilde tinha dentro da sociedade e porque não dizer da elite campomaioreense.

Apesar de ter sido eleito por dois mandatos, não conseguiu se reeleger em outras duas tentativas, segundo ele, o fator responsável de ter botado ele pra trás na política foi à compra de voto, prática ainda comum neste cenário, pois, como ele não tinha todo esse dinheiro para desenvolver esta ação, terminou cedendo espaço para outras figuras políticas de Campo Maior. No entanto, como um bom poeta, não encarou esta situação como algo negativo e deprimente, mas sim, como uma temática para mais um de seus cordéis, o qual intitulou de *e a porca me comeu*, frase popular usada ainda hoje para definir um candidato derrotado em uma eleição.

E a porca me comeu  
 A história eu vou contar  
 Comeu mas comeu bonito  
 E não pude reclamar  
 Porque não fui o primeiro  
 E não serei o derradeiro  
 Isto posso lhe afirmar (CUNHA NETO, 1976, p. 1).

Observa-se, portanto, diante dessa estrofe acima presente neste seu folheto, o tom e a forma humorística que o poeta encarou uma realidade, em que outras pessoas se desesperam, ele simplesmente versejou de maneira simples e direta, deixando transparecer a sua tranquilidade diante dos fatos.

Ainda no mesmo folheto, o poeta aproveita para deixar claro que a porca não lhe “comeu” sozinho como podemos identificar nas duas estrofes a seguir, onde ele caracteriza tudo isso:

Comeu muita gente boa  
E até de posição  
Calcule mesmo caboclo  
Que nasceu lá no sertão  
Careca não respeitou  
Todos ela devorou  
Sem a menor compaixão.

Mas também cabeludo  
Ela não quis respeitar  
E levou tudo de oito  
O plano era devorar  
Ela encheu a barriga  
Comeu tanta gente amiga  
Que faz pena até contar (CUNHA NETO, 1976, p. 2).

A busca por melhores condições de vida terminou fazendo com que o poeta deixasse sua terra natal e ir morar em outras cidades. Passou quatro anos em Fortaleza, onde atuou como vendedor ambulante de cápsula de remédios. Residiu ainda em Belém no estado do Pará, onde conseguiu uma ascensão tanto como escritor e vendedor de folhetos de cordel, como ele mesmo confirma através de suas próprias palavras em entrevista dada a Gilmar Carvalho. “[...] E eu... Eu era um dos grandes vendedores. E quando eu fiz ‘A morte do General Magalhães Barata’ eu tive bom sucesso, aí eu me expandi, cheguei a possuir três bancas de revistas, de literatura de cordel no ‘Mercado Ver o Peso’, em Belém” (CUNHA NETO, *Apud* CARVALHO, 2001, p. 53). Diante dessas palavras do próprio poeta podemos visualizar um dado importante, que é a presença do cordel fora da região nordeste considerada o marco dessa manifestação cultural, resultado do que já abordamos anteriormente, a migração dos nordestinos para outras áreas do país, levando consigo as suas manifestações culturais.

No dia 24 de fevereiro do ano 2010, Campo Maior perde um dos seus ícones na literatura popular, vítima de causas naturais, morre o poeta Cunha Neto, mas deixa pra trás, gravado na memória do povo, tanto a figura de um autêntico poeta, sempre preocupado em

noticiar através do cordel, os fatos que aconteciam não só em Campo Maior, mas em outras partes do Brasil, como também um verdadeiro acervo de cordel, que podem sim contribuir de forma significativa para futuras pesquisas que possam vir a surgir dentro desse campo temático.

Por volta da segunda metade do século XX, devido ao avanço da literatura de cordel para as zonas urbanas, juntamente com o surgimento de novos meios de comunicação em massa, essa literatura teve que de certa forma passar por uma espécie reformulações para atender as exigências do seu público, para Pedro Ribeiro, “a urbanização do cordel exigiu o aperfeiçoamento de cordelistas e violeiros no sentido das letras e do conhecimento, uma vez que as platéias e leitores passaram a exigir estrofes de melhor qualidade que acompanhassem o desenvolvimento da tecnologia na formatação dos frutos do progresso” (RIBEIRO, 2003, p. 124). Como a maioria da produção literária de Cunha Neto, foi deste período, com isso é possível observar em seus cordéis uma preocupação maior, não em relação à estrutura dos versos, pois esta permanecerá a mesma, mas sim, em relação ao emprego das palavras, e o grau de veracidade das informações, pois, segundo o próprio poeta, ele sempre teve uma preocupação em narrar os fatos verídicos deixando de lado a ficção.

Como um cidadão campomaiorense, conhecedor ou mesmo vivenciador de boa parte da história da cidade, Cunha Neto lança olhar a partir do seu local de origem, através do cordel sobre uma grande quantidade de acontecimentos que vai desde questão econômica, passando pelas manifestações religiosas em louvor a santo Antonio, até fatos mais marcantes como é o caso da Batalha do Jenipapo.

A respeito da religiosidade, Campo Maior, assim como tantas outras cidades brasileiras, se configura como uma cidade onde o catolicismo é muito forte, principalmente em torno da imagem do seu padroeiro santo Antonio, até mesmo devido ao motivo de nossa colonização, pois como sabemos, fomos colonizado por um país predominantemente católico e com isso, a influência cultural se deu em todas as dimensões inclusive na religiosidade. Como conhecedor e freqüentador desse evento católico em Campo Maior, Cunha Neto, desenvolveu suas abordagens em torno do mesmo:

São trezes noites de festa  
 Aqui em nossa região  
 Vem gente de toda parte  
 Visitar nosso torrão  
 Com a procissão da bandeira  
 Todo mundo na carreira  
 Já se tornou tradição.

Nós temos as barraquinhas  
Para você visitar  
Com diversas atrações  
As crianças vão gostar  
E comidas regionais  
Você não esquece jamais  
Este prato é popular.

Por exemplo: o churrasco  
De gado, bode e carneiro  
Você pode não comer  
Mas ainda sente o cheiro  
Mão de vaca e panelada  
Sarapatel e buchada  
Que se come o ano inteiro (CUNHA NETO, 1996).

De acordo com as estrofes escritas acima, retiradas do folheto intitulado de *Recordando a festa de Santo Antonio de Campo Maior*, podemos observar que o poeta constrói todo um discurso sobre uma série de coisas que se fazem presente nas treze noites de festa, e que agrega não só a questão religiosa, mas também, econômica, social e cultural, permitindo assim até mesmo àqueles leitores que desconhece a festa a adentrar através do seu imaginário, e visualizar cada característica, cada momento da festa, que vai desde procissão de abertura até as comidas típicas vendidas nas barraquinhas.

Além da questão religiosa, Campo Maior sempre se destacou pela presença de ideais revolucionários, a exemplo disso podemos destacar a Batalha do Jenipapo, evento que aconteceu em terras campomaiorenses, a favor da independência do Brasil. E a respeito desse acontecimento de grandes proporções, Cunha Neto escreveu os seguintes versos:

E no dia 13 de março  
Houve grande divisão  
Duas forças se encontraram  
Com Fidié, o valentão  
Às margens do Jenipapo  
Foi grande a destruição.

Mas aconteceu um caso  
Que nos chamou atenção  
À noite os campomaiorenses  
Sagazes como um leão  
Saquarem suas armas  
E quase toda munição (CUNHA NETO, 2004).



Diante das estrofes acima, observamos dois momentos diferentes em relação à batalha; na primeira, o poeta enfoca o momento do encontro das tropas de Fidié com o agrupamento de revolucionários campomaiorenses, às margens do riacho Jenipapo, já em relação à segunda, Cunha Neto nos revela parte dos acontecimentos finais da batalha, que foi o roubo de parte dos armamentos das tropas imperiais, pelos revolucionários, e é claro que o poeta descreveu tudo isso baseado nos discursos históricos que foram divulgados por todo esse período, no entanto, esta questão do saque das armas atualmente vem sendo questionado, porque é muito improvável que um general experiente como Fidié cometesse um vacilo desse.

Outra questão que se tornou temáticas em seus cordéis foram os problemas sociais presentes na cidade, e a respeito dos mesmos Cunha Neto versejou:

Aqui tem muita gente  
Que não tem o que fazer  
E todo dia este pobre  
Ele precisa comer  
E se não for aposentado  
Tem que pedir ou morrer (CUNHA NETO, 1994).

Verificamos, portanto através destes versos, a preocupação do poeta com a questão da falta de emprego na cidade de Campo Maior, e de uma forma indireta, o discurso lançado serve para chamar a atenção da sociedade para que se mobilize em busca de soluções para problemas como estes, que é comum em todo o mundo.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

No geral, diante das abordagens feitas, nos serviu, portanto para observar o valor da literatura, principalmente a de cordel, no tocante à fonte de pesquisa. Porque essa literatura simples e popular promove aos leitores o contato com uma leitura de fácil compreensão, sem grandes preocupações com as regras gramaticais, porém repleta de informações importante sobre determinado período. O cordel nos proporciona uma viagem ao passado de uma maneira diferente, mas, permitindo assim a descoberta de dados que talvez através de outras fontes não fosse possível, para isso torna-se necessário sabermos utilizá-las.

Em relação ao Cunha Neto e aos cordéis escritos por ele, no permitiu identificar dois dados importantes: primeiro, a grande quantidade de acontecimentos relacionado à história de Campo Maior que foram pelo poeta transformado em versos, e claro, que muitos deles já são fatos abordados por outros autores, mas nos foi útil no sentido de reforçar e memorizar, a

partir de uma leitura diferente, informações que muitas vezes passam despercebidas ou são lembradas apenas em épocas comemorativas; e segundo, a preocupação e o esforço de Cunha Neto em deixar publicado praticamente todos os seus trabalhos literários, permitindo assim o desenvolvimento de pesquisas e conseqüentemente a obtenção de novas informações por gerações futuras.

#### REFERÊNCIAS

CARVALHO, Gilmar de. *Poetas do povo do Piauí: a mídia cordel*. São Paulo: Terceira margem, 2001.

CUNHA NETO, José. *Aspecto da Batalha do Jenipapo*. Campo Maior, 2004.

CUNHA NETO, José. *Campo Maior do passado e do presente*. Campo Maior, 1997.

CUNHA NETO, José. *Nossa terra, nossa gente*. Campo Maior, 1994.

CUNHA NETO, José. *Recordando a festa de santo Antonio de Campo Maior*. Campo Maior, 1996.

FILHO, Valdinar da Silva Oliveira. Literatura de cordel: limites e possibilidades. IN: PINHEIRO, Áurea Paz; NASCIMENTO, Francisco Alcides. *Cidade, história e memória*. Teresina: EDUFPI, 2004.

LOPES, José de Ribamar. *Literatura de cordel; antologia*. Fortaleza: BNB, 1994.

LUYTEN, Joseph M. *O que é literatura popular*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

Leandro da Silva Nascimento. *Zé da Prata e sua poesia crítica na cidade de Altos nas décadas de 1920 a 1940*. Monografia defendida em 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PINHEIRO, Helder; LÚCIO, Ana Cristina Marinho. *Cordel na sala de aula*. São Paulo: Duas cidades, 2001.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *História e literatura: um olhar sobre as fontes*. Cadernos de Teresina, 1996. P. 76-81.

RIBEIRO, Pedro. O Piauí na literatura de cordel. IN: SANTANA, Raimundo N. Monteiro de. *Apontamentos para a história cultural do Piauí*. Teresina, 2003, p. 107-126.